

ional

JORNAL DO BRASIL

Marabá (PA) — Ariovaldo dos Santos



Procissão levou a cruz que foi cravada perto da ponte em memória dos que morreram

Procissão fecha a ponte onde PM do Pará matou garimpeiros

Ricardo Kotscho

MARABÁ (PA) — Mais de 5 mil pessoas fecharam novamente ontem à tarde a PA-150, estrada que liga Belém a Conceição do Araguaia, no sul do Pará, caminhando ao longo de seis quilômetros, do entroncamento com a Transamazônica até a ponte rodoferroviária sobre o rio Tocantins, palco dos choques de dezembro do ano passado, quando a Polícia Militar avançou sobre garimpeiros de Serra Pelada em greve, deixando três mortos e 73 desaparecidos.

Desta vez também houve repressão. Pouco antes das 17 horas, cerca de 50 policiais militares cercaram a ponte e impediram a procissão. Depois de um acordo articulado pelos padres que acom-

panhavam os manifestantes, dez pessoas receberam autorização para colocar uma cruz de cinco metros de altura ao pé da ponte, e só tiveram tempo ainda para rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria. Foi a primeira vez que uma procissão de Sexta-Feira Santa é repremida, mas não houve incidentes. Inspirada na vida do povo da região, a Via Crucis organizada pela Diocese de Marabá, cidade de 150 mil habitantes a 450 quilômetros de Belém, percorreu as 15 estações lembrando posseiros, mulheres, negros e crianças.

“É para deixar acesa a chama e não morrer a lembrança de que precisamos encontrar os desaparecidos, porque sabemos que há mais mortos, e responsabilizar os culpados pelo massacre”, disse o presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá, Fernando Marcolino Guima-

rães, que ajudou a carregar a cruz feita de tatajuda, pesando mais de 200 quilos.

Famílias inteiras vieram de toda a região e cada uma tinha um drama para lembrar. Miguel Ferreira de Souza, 66 anos, 58 de trabalho na lavoura e como carpinteiro, falava do seu próprio drama: aposentado, não consegue sobreviver com os CZ\$ 2 mil que ganha por mês. Carregando uma cruz feita de enxada e foice, segurando a roupa de Sebastião Pereira de Souza, posseiro morto junto com seu filho Clésio em outubro do ano passado, Marinalva Carvalho veio de Morada Nova com o padre Joanil da Silva, que acusa: “Os mandantes do crime são conhecidos e até hoje continuam soltos, a polícia não faz nada porque eles são da UDR.”

Há três meses, a polícia chegou atirando

MARABÁ (PA) — Seis da tarde, já estava começando a escurecer. A ponte rodoferroviária de 2 mil 400 metros de extensão, construída 75 metros acima do nível do rio Tocantins para transportar o minério de Carajás até o porto de Itaquí, no Maranhão, continuava ocupada pelos garimpeiros de Serra Pelada, há dois dias aguardando o cumprimento de um acordo assinado com o governo federal.

Eles só saíram dali com a chegada das máquinas e caminhões prometidos pelos representantes dos governos estadual e federal para a execução das obras de rebaixamento da cava do garimpo, a principal reivindicação do movimento. Estavam sobre a ponte naquele 29 de dezembro do ano passado entre 1 mil 500 e 2 mil pessoas, a maioria jantando, quando a polícia chegou.

“Em vez de máquinas e caminhões o que veio foi bala, muita bala, mais de quatro mil tiros deflagrados pela polícia”, recorda Fernando Marcolino Guimarães, presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá, um dos fiadores do acordo, que não se conforma até hoje. “Foi um massacre. A polícia chegou atirando, jogando bombas e muita gente pulou da ponte no desespero. O governo anunciou que só duas pessoas morreram, mas ninguém acredita nisso. Nem em briga de festa dá tão pouca morte...”

Com 350 homens muito bem armados, a Polícia Militar do Pará fechou os dois acessos da ponte e avançou, atendendo a determinações expressas do governador Hélio Gueiros. Foi uma opera-



Sem máquinas, o garimpeiro usa a pá em busca do ouro

ção fulminante. Não durou mais de 15 minutos. “Estava no prédio da prefeitura negociando e, quando cheguei na ponte, ainda ouvi os últimos tiros. O objetivo da PM não era desobstruir a ponte, mas atacar quem estava lá em cima como se fosse uma operação de guerra, sem dar chance de defesa”, afirma Guimarães.

Está fazendo três meses. Apenas três corpos foram oficialmente identificados até agora (dois garimpeiros maranhenses e um menino de 11 anos que vendia picolés). Nas contas dos garimpeiros, 73 pessoas continuam desaparecidas, incluindo uma mulher grávida de sete meses. O medo de falar ainda é grande. Raimundo de Souza Almeida, um dos pioneiros de Serra Pelada, o maior garimpo a céu aberto do mundo, descoberto no início de 1980, continua sem notícias de dois sobrinhos que trabalhavam com ele e participaram do protesto na ponte: José Elias e Francisco Elias.

“Os meninos saíram daqui do garimpo com dois colegas e deixaram tudo o que era deles: roupas, documentos e ferramentas. Nunca mais apareceram. Eu não posso dizer nada, porque não estava lá na ponte na hora. Mas, se eles fossem viajar ou largar o garimpo, teriam me avisado, não teriam deixado tudo deles aqui...”, comenta Raimundo em voz baixa, com medo de represálias. O ambiente em Marabá e no garimpo continua tenso. Ontem, Guimarães até cortou sua barba de muitos anos para “não dar sopa aos inimigos”.

Quantos, afinal, morreram no massacre da ponte? — continuam perguntando todos na região, enquanto a Polícia Federal acusa a PM pelas mortes, o sindicato responsabiliza a Polícia Federal de ter insuflado os garimpeiros e o dono da funerária Marabá ainda está sem saber que vai pagar a conta dos três caixões que forneceu para enterrar as vítimas. (R.K.)